

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS FICHA DE IDENTIFICAÇÃO OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	CÓDIGO DA FICHA					
	--	--	--	--	F	--
	UF	SÍTIO-	LOC	ANO	FICHA	NO.

1. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	AGRESTE, ZONA DA MATA NORTE; RECIFE E REGIÃO METROPOLITANA
LOCALIDADE	AGRESTE, ZONA DA MATA NORTE; RECIFE E REGIÃO METROPOLITANA
MUNICÍPIO / UF	TODOS OS MUNICÍPIOS

2. BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	FIGURINO DO BONECO DE MAMULENGO
OUTRAS DENOMINAÇÕES	FEITURA DE BONECO DE FUNÇÃO
CONDIÇÃO ATUAL	☒ VIGENTE / ÍNTEGRO ☐ MEMÓRIA ☐ RUÍNA

3. EXECUTANTE

OBS.: PARA MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O (A) ENTREVISTADO (A) VER ANEXO 4: CONTATOS.

NOME	Severino Elias da Silva	☒ MASCULINO ☐ FEMININO
OCUPAÇÃO	Mamulengueiro, bonequeiro	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO 02/09/1975
RELAÇÃO COM O BEM	☐ X MESTRE ☒ PRODUTOR ☐ PÚBLICO ☐ APRENDIZ ☐ VENDEDOR ☐ EXECUTANTE	
NOME	João Azevedo Cavalcanti	☒ MASCULINO ☐ FEMININO
OCUPAÇÃO	Mestre de mamulengos	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO 08/12/1967 Falecido em 2017
RELAÇÃO COM O BEM	☐ X MESTRE ☒ PRODUTOR ☐ PÚBLICO ☐ APRENDIZ ☐ VENDEDOR ☐ EXECUTANTE ☐ OUTRO: DONO DE MAMULENGO	

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	--	--	--	--	F	--
---	----	----	----	----	----------	----

NOME	José Vitalino da Silva		X MASCULINO FEMININO
OCUPAÇÃO	Mestre mamulengueiro, artista, luthier e relojoeiro	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	16/04/1932
RELAÇÃO COM O BEM	☒ MESTRE ☐ PRODUTOR ☐ PÚBLICO ☐ APRENDIZ ☐ VENDEDOR ☒ EXECUTANTE ☐ OUTRO		

4. FOTOS

OBS.: PARA LISTA COMPLETA DAS FOTOS INVENTARIADAS, CONSULTAR O **ANEXO 2: REGISTROS AUDIOVISUAIS**.

	
MESTRE VITALINO E A BONECA ANDREZZA. VESTIDO COSTURADO A MÃO POR ELE PRÓPRIO. FOTOS DE WAGNER PORTO, 2023.	

5. DESCRIÇÃO DO BEM IDENTIFICADO

Algumas discussões emergem quanto a esse tema, visto que a tão atrasada noção estratificada da arte, que condena a produção dos grandes mestres do mamulengo a serem sempre classificadas no campo do artesanato, o que vem causando grandes prejuízos a materialidade do brinquedo perpetua a ignorância e a perda de importante legado.

Especialmente perversas para a bonecaria pernambucana, as segundas e terceiras décadas dos anos dois mil, que levaram os mestres João do Mamulengo, com suas particularidades no ofício bonequeiro, e ainda os grandes Zé Lopes de Glória do Goitá e Saúba de Carpina, causando perdas irreparáveis. Da velha guarda bonequeira, restam poucos, mas não menos grandiosos, como nos atesta a obra do gigante Biu de Dóia, Lagoa do Itaenga, talvez o último de uma tradição misteriosa.

Assim, os modos de conceber o boneco do teatro são múltiplos e diversos, mas mesmo assim apresentam correspondências entre si que caracterizam esse fazer num nível conceitual e simbólico, fazendo com que os mestres, entre seus pares, reconheçam e saibam interpretar as diversas expressões plásticas da bonecaria

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

--

--

--

--

F

--

pernambucana, independentemente de suas origens.

Usaremos como recorte para analisar esse ofício a produção dos mestres João Fusaca, devido a suas especificidades técnicas e regionais, Vitalino de Nazaré, por ser o mais antigo e respeitado bonequeiro em atuação, e Bibiu dos bonecos por ser herdeiro de Saúba dos bonecos, um dos mais respeitados mestres bonequeiros da história e mestre João do Mamulengo, falecido em 2017, mas que se faz de primordial importância para o entendimento da arte bonequeira nordestina em diversos aspectos, inclusive no que diz respeito a concepção e fabricação de figurinos específicos para esse teatro.

Para além de ser parte fundamental da materialidade do boneco, que se compõe, comumente de madeira e tecido enquanto matérias primas, o figurino exerce função semiológica e conceitual estrutural estando atrelada a técnica da dramaturgia, sendo um figurino considerado adequado as funções, aquele que cumprir requisitos que contemplem todos esses aspectos.

Faz-se necessário uma boa identificação dos tipos apresentados no teatro, servindo para isso, além dos talhes e feições de cada boneco, o figurino que ostenta.

As roupas e bonecos, ao contrário do que possa parecer, não são elementos secundários na composição do tipo, e determinam de maneira inequívoca o caráter apresentado. Como as roupas- e seus tecidos- são elementos 'do mundo real', a reprodução do figurino em cena tem um importante papel na criação da farsa. O tecido cáqui da farda do policial, a renda do vestido de noiva, o tropical da camisa do malandro ou a mescla do aposentado ajudam a compor a estrutura dramática que necessita desse amparo visual para que o 'pacto' do teatro total aconteça.

A grande maioria dos bonecos destinados ao teatro de mamulengo são compostos por madeira policromada e tecido, sendo o tecido, no caso dos bonecos de luva, o elemento que constitui o corpo do boneco. O fundador do Mamulengo Tomé, mestre Custódio (Glória do Goitá, 1940-1999) explicava que o 'corpo' do boneco, não era sua roupa. A roupa era feita 'a parte' e podia mais facilmente ser trocada, para o 'corpo do boneco, a luva, era usado um tecido mais bem estruturado e fundamentalmente de textura 'lisa', como uma seda, para que a mão 'escorregasse' para dentro do boneco, permitindo uma troca rápida de figuras. Um tecido rugoso, ou muito grosso, atrapalha essa ação. Hoje é comum que o corpo e roupa sejam a mesma peça, o que influi na estética da figura em cena, visto que os contornos da mão do manipulador ficam mais evidentes.

Como todos os demais aspectos da manifestação, as práticas atreladas a concepção e manufatura do figurino estão sujeitas a evoluções e rupturas. Analisando a produção contemporânea de alguns mestres e o legado de grandes nomes dessa arte levantamos a discussão sobre o ofício da costura e figurino de forma geral destinado ao teatro de bonecos popular pernambucano.

6. DESCRIÇÃO DO LUGAR DA ATIVIDADE

6.1. CARACTERÍSTICAS GERAIS

A confecção da indumentária do boneco destinado ao brinquedo de mamulengo é exercida, por vezes por profissionais costureiras contratadas ou familiares, muitas vezes amadores, mas sobretudo pelo mestre mamulengueiro em suas 'oficinas' espaços muitas vezes, improvisados, sobretudo quando a casa do dono do Mamulengo e a sede do brinquedo são no mesmo espaço, caso da maioria absoluta dos grupos da tradição do estado.

6.2. MARCOS NATURAIS E/OU EDIFICADOS

NÃO SE APLICA

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

--

--

--

--

F

--

6.3. AGENCIAMENTO DO ESPAÇO PARA A ATIVIDADE

TRATA-SE DE ESPAÇOS IMPROVISADOS NAS SEDES, EM GERAL, ALOJADOS NA CASA DO DONO. OU SEJA, MUITAS VEZES NÃO SÃO ESPAÇOS PROPOSITAMENTE PREPARADOS PARA A PRODUÇÃO, DE PEQUENAS DIMENSÕES E SEM MAIORES POSSIBILIDADES DE AGENCIAMENTOS, LOCAIS QUE COMPORTEM, MINIMAMENTE UMA MÁQUINA DE COSTURA, OU QUE APENAS DETENHAM UMA BOA LUMINOSIDADE PARA A PRÁTICA DE COSER MANUAL, SOB ÁRVORES, OU MESMO EM TERRAÇOS OU NA RUA.

7. TEMPO**7.1. PERIODICIDADE**

A produção e confecção são preferencialmente feitas pelo próprio mamulengueiro, mesmo quando esse não se considera um bom bonequeiro, compra os bonecos mas trata de os 'arranjar' a seu próprio modo, repintando-os, vestindo os e caracterizando-os com seu 'estilo'. Os tipos são trajados pelos próprios mestres, donos ou brincantes dos mamulengos e seus parentes; quando não, são contratadas pessoas costureiras mais experientes e/ou célebres, para executar todo, ou partes do processo de produção.

Vale pontuar que o mestre João Fusaca (Garanhuns 1967/2017) renovava todos os anos, entre os meses de novembro e dezembro o figurino de os seus bonecos de brincar, justificando: "A gente não compra roupa nova no final do ano, eles também! É a mesma coisa! "

7.2. OCORRÊNCIA EFETIVA DESDE 1950- PERÍODO EM QUE MESTRE VITALINO, O MAIS ANTIGO DESSA ANÁLISE, SE INICIA NAS ARTES DA BONECARIA PARA AUXILIAR O MESTRE PABILAR, FAZENDO OS BONECOS 'DE MATAR', AQUELES QUE SERIAM DESTRUÍDOS NAS BRINCADEIRAS

1950----

2023

**8. BIOGRAFIA**

José Vitalino da Silva

Seu Vitalino, ou Zé do Boneco, como é conhecido em sua comunidade representa a velha guarda do mamulengo, nascido em 1932, acompanhou o célebre mestre Pabilar, referência de mamulengo na zona da mata, transitou por diversas brincadeiras, tendo importante atuação junto aos blocos rurais, criou seu próprio brinquedo em 1986, o Mamulengo da Saudade, é um dos mais prolíficos bonequeiros da atualidade compondo um riquíssimo acervo de obras que discurrem todo seu fabuloso repertório com destaque para os seus cangaceiros e suas peças mecanizadas, os engenhos autômatos que representam casas de farinha, helicópteros ou mesmo tocadores em um trio elétrico,

João Azevedo Cavalcanti nasceu em 1967 no município de Garanhuns, agreste pernambucano, filho de um comerciante e produtor de feijão e uma indígena Fulni-ô. Seu pai era compadre de um célebre mestre mamulengueiro da região, Seu Nenê, ou nenê Fusaca, devido a sua principal figura na brincadeira, que acaba por designar o nome da própria brincadeira em algumas localidades em que ele se apresentava, o povo ia ver 'a brincadeira de Fusaca'. Seu Nenê, guardava sua mala de bonecos no galpão de propriedade do pai de João, o que despertou desde cedo a curiosidade da criança pelos bonecos, logo explorada por Seu Nenê, que o presenteou com um boneco 'completo' (com braços e pernas, bem vestido) e 'que mexia a boca', o que desagradou muito o pai de João, devido a total entrega da criança ao brinquedo, que para ela, era um ser vivente, falando, brincando e até comendo juntos, em camaradagem, julgando que o filho estava 'ficando doido', o genitor daquele que viria a ser um dos maiores mestres dessa expressão, queimou o boneco na fogueira da festa de São João, o que deixou a criança em choque, só se recuperando quando Seu Nenê, construindo outro boneco idêntico, restituiu a vida ao amigo de João. Incidentes voltaram a acontecer até

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

--

--

--

--

F

--

que o pai de João liberou o menino para acompanhar Seu Nenê em suas apresentações, como carregador de mala, aos nove anos de idade, perfazendo enormes percursos a pé, em busca dos sítios onde realizavam as brincadeiras, acompanhados de viola, melê e triângulo. Foi acendendo o cigarro para o boneco fumador que João “aprendeu a fumar” hábito que ajudaria a ceifar sua vida no ano de 2017, depois de uma intensa vida dedicada ao mamulengo da tradição e as artes marciais. Mestre João contou que no tempo de Seu Nenê, mamulengo não tinha nome, letrados, nada disso, nem barracas, apenas um pano, envolto em uma corda que era esticada por meio da afixação de grandes pregos entre duas paredes, gerando o espaço cênico. Colabora com sua narrativa o mestre Vitalino que alega que eram assim, ‘sem nome’, todos os mamulengos, era conhecido, o de seu mestre por ‘mamulengo de Pabilar’ quando ia brincar, mas que não havia um nome para o grupo, segundo Vitalino, que tem 91 anos de idade mamulengos com nome e placas ou bandeiras com datas de fundação são invenções recentes. Mestre João também trabalhou como vigilante, pedreiro e vendedor de roupas, quando percorria as feiras da região, junto com sua irmã, vendendo confecções, o que o fez um grande conhecedor de artigos de indumentária e costura.

Severino Elias da Silva, o mestre Bibiu dos Bonecos é filho e herdeiro da arte de Saúba dos Bonecos, talvez o maior bonequeiro de que se tem notícias, Saúba dos Bonecos, que foi vendedor de pão, de laranjas, tirador de cocos(‘cabra de pêia’ como é conhecido esse tipo de profissional, devido as pêias de escalar as palmeiras) era um artista ímpar, genial, seu interesse genuíno pelos bonecos, pelo mamulengo e por toda expressão da cultura de sua região o fez ser próximo do mestre Solón com quem desenvolveu diversas parcerias e um conflitante história de embates. Saúba também dedicou-se a auxiliar os mecânicos de automóveis somente para poder aprofundar seus conhecimentos de cinética. Criando uma ampla rede cultural, mestre Saúba, alegre e expansivo transitou junto aos grandes mestres de mamulengo de seu tempo, criou uma forma única de fazer e apresentar bonecos a partir de uma elaborada pesquisa prática. Tomando proveito do que de melhor podia oferecer cada um de seus colaboradores, artistas, escultores, músicos ou mecânicos de automóveis. Mestre Saúba aprimorou e redimensionou um processo iniciado por mestre Solón, este estimulado por entidades governamentais e curadores, que começavam a se aproximar dos artistas populares, começou a produzir bonecos ‘em série’, criando réplicas de um mesmo tipo de boneco, artesanato, segundo ele, ‘para vender para turistas’, ou diversos bonecos similares para compor cenas mecanizadas maiores, essa prática, assimilada por Saúba, foi ainda aperfeiçoada, para melhores resultados, Saúba passou a fazer uso de folhas de madeira devidamente padronizadas em espessura e cortes precisos guiados por moldes dos perfis a serem cortados, para cada peça produzida por mestre Saúba, havia um molde. Mestre Saúba também passou a fazer uso sistemático de ajudantes, prática que favoreceu a formação e multiplicação de artistas populares em Carpina, Del, ainda era um menino quando começou a trabalhar com Saúba e hoje segue produzindo as indefectíveis bicicletinhas que marcaram a produção artística do mestre.

Bibiu, por ser filho de Saúba, foi apresentado muito cedo ao trabalho de assistente, lixando ou mesmo pintando peças, serviço que não apreciava, só mais tarde passou a seguir os passos do genitor e assimilar toda riqueza técnica e estética contida em sua obra.

Com o covarde assassinato do mestre Saúba, Bibiu passa a ser o principal herdeiro do legado de mestre Saúba, erguendo em sua homenagem, na velha casa em que trabalhava, o Memorial Mestre Saúba.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

--

--

--

--

F

--

9. ATIVIDADE**9.1. ORIGENS, MOTIVOS, SENTIDOS E TRANSFORMAÇÕES**

CONFECCIONAR FIGURINOS PARA O BONECO PARA A BRINCADEIRA E A PRÓPRIA BRINCADEIRA SE FUNDEM NAS EXPRESSÕES DO POVO, TUDO É FAZER MAMULENGO. AO FAZER O MAMULENGO (PARA FAZER MAMULENGO!) OS MESTRES COMEÇAM O FANTÁSTICO PROCESSO DE IMBUIR DE VIDA E CARÁTER O QUE PARECE SER SOMENTE UM PEDAÇO DE PAU E PANOS.

FAZER O BONECO DE SUA BRINCADEIRA PODE SER UM ATO PARA A VIDA TODA, COMO JOÃO DO MAMULENGO QUE CONFECCIONOU O SEU FUSACA, BASEADO NO FUSACA DE SEU MESTRE, JOÃO ATRAVESSOU A VIDA AO LADO DE SEU INTRÉPIDO BONECO, A QUEM PRESENTEAVA BELAS ROUPAS TODOS OS ANOS, E FORAM, JUNTOS, ENTREGUES A TERRA, QUANDO O MESTRE MORREU.

PARA OUTROS, FAZER BONECOS É UMA ATIVIDADE CORRIQUEIRA, E O TEMPO AO LADO DA CRIAÇÃO É O TEMPO DE APARECER UM FREQUÊS QUE SE INTERESSE DE LEVAR A PEÇA.

É RECENTE O INTERESSE DO 'PÚBLICO' EM ADQUIRIR PEÇAS DE MAMULENGO, ANTES, SÓ COMPRAVAM BONECOS, OUTROS MAMULENGUEIROS. TALVEZ TENHA SIDO COM MESTRE SOLÓN, COM SEUS CONTATOS COM INSTITUIÇÕES QUE ESTIMULAVAM O 'ARTESANATO' E A 'ECONOMIA CRIATIVA', QUE NO TEMPO NEM TINHA ESSE NOME, QUE SE INICIOU A BUSCA DO MAMULENGO ENQUANTO 'ARTESANATO REPRESENTATIVO DE PERNAMBUCO, OU MESMO, ENQUANTO BRINQUEDO PRA CRIANÇAS OU MATERIAL DIDÁTICO PARA EDUCADORES.

OS BONECOS, ORIGINADOS EM TEMPOS IMEMORIAIS, NORMALMENTE LIGADOS A PRÁTICAS RELIGIOSAS, COMO NO ANTIGO EGITO, QUANDO INTERPRETAVAM (DE FORMA CONVINCENTE PARA AS GRANDES POPULAÇÕES, MARAVILHADAS COM OS SEUS DEUSES MANIPULADOS) DEVEM TER CHEGADO, TAMBÉM AO BRASIL, CUMPRINDO RITOS RELIGIOSOS DE CATEQUESE, APESAR DE JÁ POVOAREM A CULTURA E O INCONSCIENTE DE POVOS AFRICANOS E MESMO DOS NATIVOS ORIGINÁRIOS DA AMÉRICA. O CALDO CULTURAL BRASILEIRO DEU ORIGEM A ESSA FORMA ESPECÍFICA DE TEATRO POPULAR, E O OFÍCIO DE FAZER ESSAS FIGURAS SURGE SE DESENVOLVE, SE TORNA COMPLEXO E SE DISSEMINA NO SEIO DE NOSSO PATRIMÔNIO CULTURAL E AMBIENTAL. O ATO DE FAZER O BONECO, OUTRORA, ESTEVE SEMPRE ENVOLTO EM MUITO SEGREDO. MAMULENGUEIROS ANTIGOS COMO ZÉ LOPES E SAÚBA ATESTARAM QUE O MAIS DIFÍCIL FOI DESCOBRIR A MADEIRA CERTA, POIS 'NINGUÉM DIZIA', O MESTRE JOÃO CONFIRMA ESSA PRÁTICA, SEU MESTRE ALEGAVA QUE ELE, MUITO INTELIGENTE, IRIA ACABAR TOMANDO SEU LUGAR, SE DESCOBRISSE TUDO...

A DIMENSÃO MÍSTICA DO BONECO, QUE SE FEZ MAIS PRESENTE EM ANTIGOS MESTRES COMO JOÃO FUSACA E ZÉ LOPES, QUE ASSUMIAM ESSA INTERFACE, HOJE, É RARÍSSIMA.

O BONECO DE MAMULENGO ASSUME MÚLTIPLOS SENTIDOS DE ACORDO COM SEUS PORTADORES, BEM COMO O ATO DE SUA CONCEPÇÃO. SÃO DIFERENTES OS BONECOS FEITOS PARA USO PRÓPRIO, FEITOS PARA UM INICIADO, OU OS FEITOS PARA O PÚBLICO EM GERAL.

NESSE COMPILADO BUSCAMOS REGISTRAR AS ESPECIFICIDADES DE TRÊS ESCOLAS BONEQUEIRAS RELEVANTES, REPRESENTATIVAS E BEM DISTINTAS ENTRE SI, E APONTAR PAR O QUE SERIA A SALVAGUARDA DO OFÍCIO BONEQUEIRO DA TRADIÇÃO PERNAMBUCANA.

PARA MESTRE VITALINO, O MAIS ANTIGO MESTRE EM ATIVIDADE, FABULOSO ESCULTOR, DONO DE UM CORTE EXPRESSIVO E EMOCIONANTE, FAZER BONECOS E CONSTRUIR E RECONSTRUIR SUA PRÓPRIA VIDA, DE MANEIRA POÉTICA. AS DUREZAS DE SEU PASSADO NO UNIVERSO DOS ENGENHOS DE AÇÚCAR, SE TORNAM CENAS ONÍRICAS E CÔMICAS EM SEUS ENGENHOS AUTÔMATOS. O REDIMENSIONAMENTO DE SEU PRÓPRIO VALOR, ENQUANTO HOMEM QUE NÃO ESTUDOU, MAS QUE É DOTADO DE INTELIGÊNCIA EXCEPCIONAL, E A FORMA DE SE COMUNICAR COM SEUS PARES DE MANEIRA SUAVE E DIVERTIDA. "MAMULENGO É A GRAÇA DO POVO" (VITALINO, MESTRE, 1936)

PARA ANTÔNIO DO PÍFANO, FAZER BONECOS É TRABALHAR SUAS PRÓPRIAS QUESTÕES EXISTENCIAIS, SEUS PERSONAGENS,

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	--	--	--	--	F	--
---	----	----	----	----	----------	----

ÚNICOS, NÃO SÃO FEITOS 'PARA VENDER', SÃO EXPRESSÕES VIVAS DE RELAÇÕES HUMANAS, DESCRITAS, REESCRITAS E RESINIFICADAS A CADA BRINCADEIRA.

PARA BIBIU, FAZER BONECOS É SEU MEIO DE VIDA, É O QUE PERMITE CRIAR COM DIGNIDADE SUA FAMÍLIA E CONSTRUIR O ESPAÇO EM HOMENAGEM A SEU PAI.

PARA JOÃO FUSACA, CADA BONECO É UM FILHO, MAS DEIXANDO CLARO QUE HÁ UM FILHO FAVORITO, FUSACA...

OS MESTRES MAIS ANTIGOS RELATAM QUE SOMENTE BONECOS CONDIZENTES COM PADRÕES ESTÉTICOS DE SUA ÉPOCA ERAM ACEITOS NAS BRINCADEIRAS. OS CÓDIGOS ESTÉTICOS DE ANTIGAMENTE TALVEZ NÃO RECONHECESSEM COMO FIGURAS 'CRÍVEIS' ALGUNS BONECOS COMO OS CONHECEMOS HOJE. BONEQUEIROS 'CLÁSSICOS COMO O GENIAL BIU DE DÓIA, SE RECUSAM A 'ALEIJAR BONECOS', OU SEJA, CONCEBÊ-LOS DE MANEIRA EM DESACORDO COM A ANATOMIA HUMANA, NÃO QUE O CARICATO NÃO SEJA PRESENTE, MAS OS BONECOS PRECISAVAM 'SE PARECER' COM HUMANOS. SOMENTE DEPOIS DA REVOLUÇÃO D COMUNICAÇÃO, COM A EXAUSTÃO DE IMAGENS, CARTUNS, DESENHOS ANIMADOS E AFINS, É QUE PASSAMOS A PERCEBER QUALQUER COISA QUE TENHA DOIS OLHINHOS COMO UM BONECO, ANTES, IMAGINEMOS QUE ISSO ERA IMPROVÁVEL, E SOMENTE ESCULTORES HABILIDOSOS ERAM APTOS A CRIAR MAMULENGOS. UMA MALA DE BONECOS ERA UM MEIO DE PRODUÇÃO, UM INVESTIMENTO RELATIVAMENTE CARO PARA OS PADRÕES DA ÉPOCA-POIS COM UMA MALA DE BONECOS EM MÃOS, ERA POSSÍVEL AMEALHAR GANHOS FINANCEIROS, E PARA OS MESTRES ANTIGOS, UMA 'MALA DE BONECOS TINHA QUE SER COMPOSTA POR UM NÚMERO MÍNIMO DE FIGURAS DA TRADIÇÃO, ENTRE TRINTA E CINQUENTA FIGURAS, 'BEM FEITAS, BEM VESTIDAS E BEM ARRANJADAS' COMO DESCREVIA MESTRE CUSTÓDIO.

A TRADIÇÃO DA BONECARIA CLÁSSICA, DA PROFUNDA SIMBIOSE DO HOMEM DA TERRA E DE SUAS MADEIRAS, ENTRETANTO SE CONSOLIDA COMO A PRINCIPAL FORMA DE SE CONCEBER E SE PRATICAR O GENUÍNO TEATRO PERNAMBUCANO, POIS O CONJUNTO DE TÉCNICAS ESPECÍFICAS, DESENVOLVIDAS ENDEMICAMENTE, AQUI, TORNAM ESSE FAZER UM PATRIMÔNIO DE VALOR IMENSURÁVEL. AS TÉCNICAS, E ESTÉTICAS, MANTIDAS E DESENVOLVIDAS POR ZÉ LOPES, JOÃO FUSACA E SAÚBA DOS BONECOS (INFELIZMENTE, JÁ FALECIDOS) E PELO FABULOSO BIU DE DÓIA (AINDA EM ATIVIDADE) E DE SEUS SEGUIDORES CONSTITUEM SABERES DE ALTÍSSIMO NÍVEL, QUE FORAM POUCO DIFUNDIDOS, E QUE NECESSITAM TOTAL AMPARO E ACAUTELAMENTO.

9.2. NARRATIVAS E REPRESENTAÇÕES

Vale lembrar que, sendo o mamulengo, um brinquedo com finalidade dramática, as peças produzidas precisam corresponder dos pontos de vista prático e conceitual aos objetivos da brincadeira

Sobre o antigo formato da brincadeira, quando só mamulengueiros se interessavam em adquirir bonecos, podemos notar que as coleções tinham aspectos mais pessoais, repletas de marcas específicas do artista e de suas comunidades, como podemos observar ainda nas obras e mestre Antônio do Pifano.

Os bonequeiros mais inseridos nas cadeias produtivas e que fazem uso sistemático da fabricação seriada e venda de bonecos como forma de obter recursos tendem a denotar soluções mais generalistas que facilitem a maior produção ou mesmo que agreguem valor as suas criações.

A partir de 2015, com atividades que congregavam mestre mamulengueiros se tornando mais frequentes foi possível, em diversas situações, reunir os mestres mamulengueiros de Pernambuco, proporcionando momentos de riquíssimas trocas, de reconstruções memoriais coletivizadas, como também de grandes estranhamentos.

Para mestre João Fusaca, a estética dos bonecos e em específico suas vestimentas precisavam estar em acordo com as funções da figura, por exemplo, para João era inconcebível uma figura falar sem 'mexer a boca'(a maioria de seus bonecos tinham maxilares articulados) bem como não fazia o menor sentido uma figura se vestir com tecido de chita, ao que ele refutava "Ninguém usa um blusão de chita... ninguém anda assim, só um matêu..." Ou seja, o figurino precisava estar estritamente adequando semiologicamente as figuras correspondentes, no que diz respeito aos cortes, caimentos e tipologias de tecidos concernentes a cada boneco...

O emprego desmesurado da chita como tecido para arranjar as figuras do mamulengo, indistintamente parece ser um advento recente, fruto da produção seriada (que requer uma quantidade grande de tecido, sendo necessário comprar, logo se optando pelos preços mais convidativos dos 'forros de colchão', ou chitas. Também a 'folclorização' atua nesse sentido buscando criar uma associação entre essa 'humildade colorida' representada pela chita com a cultura vigente

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

--

--

--

--

F

--

como um todo. Porém, para além de João, que estranhava uma figura homem aparecer vestido de chita, outros mestres como Biu de Dóia e o próprio Zé Lopes apontaram que era vigente e muito mais comum se reaproveitar 'pernas de calça' ou vestidos em desuso de suas senhoras, para vestir seus bonecos.



Na obra do mestre João existem muitas singularidades, todos os bonecos que fizessem uso da fala tinham seus maxilares articulados, em uma solução técnica simples, básica e muitíssima eficaz. Para disfarçar os cordões usados para acionar a articulação do queixo, lançava-se o artifício da gravata ou do lenço, de forma bastante eficiente. 'Beijo Lascado', antagonista do intrépido Fusaca.



As mulheres eram representadas de maneira condizente com os padrões sociais de sua época e costumes, na foto a vó e a esposa de Fusaca, Carolina, notar a padronagem de tecido que caracteriza uma senhora aposentada e uma jovem mulher recém casada.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

--

--

--

--

F

--



Os bonecos de briga além de serem confeccionados com madeiras 'fornidas', reforçados e bem arranjados para resistir aos sérios embates, as pancadas não eram fictícias e deliciavam o público, notável o advento criado por João de adicionar pernas aos bonecos de luva o que criava um elemento bastante pitoresco em suas cenas de luta, com pernadas e bofetões. Notar que todos os 'homens' eram concebidos com seus respectivos chapéus. A formidável vestimenta do boneco Rapadura é detalhada graficamente com caneta, bolsos e botões que definem cenicamente o figurino de maneira muito apropriada.



Uma réplica do memorável Fusaca foi presenteada para Wagner Porto. "Fusaca só assenta de encarnado", dizia João. A solução técnica usada nos olhos é excepcional, com apliques de plásticos branco e preto e um prego fazendo a vez de pupila... Detalhes da camisa grafados com caneta.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

--

--

--

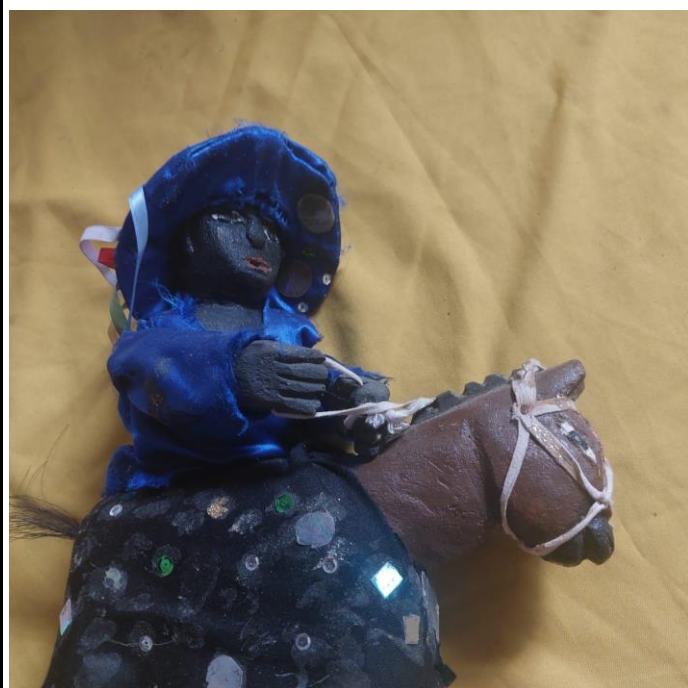
--

F

--



A 'segunda parte' do mamulengo de João trazia a apresentação completa do reisado, brinquedo comum na região de Garanhuns e seus arredores, a figura do "Sapateiro", já extinto nesses folguedos, sobreviveu em sua versão mamulengo pelas mãos do mestre João. O "Sapateiro", figura mascarada usando chapéu de couro, trazia consigo um baú de sapateiro e se apresentava logo após a chegada dos matêus, arrecadava com os público presente alegando precisar de dinheiro para fabricar os sapatos do reisado (é uma dança de sapateado) "Sou sapateiro, ando pelo mundo fazendo chapéu, sapato, chinela, percata e apara-gata..."



João.

O "Cavalo-marím -das-onda-do-mar", figural do reisado.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

--

--

--

--

F

--

9.3. CRONOLOGIA

DATA	DESCRIÇÃO

10. PRODUTOS PATRIMONIAIS**10.1. REPERTÓRIO OU PRINCIPAIS PRODUTOS**

Os modos de fazer citados nesta ficha são consideradas a marca da expressão do bem mamulengo, o boneco que surge da madeira. O boneco de mamulengo pode ser visto como artesanato, como em algumas iniciativas, mas em alguns casos é inquestionável seu status de obra de arte. Os grandes mamulengos da história desse patrimônio sempre contaram com bonecos que se tornaram célebres, as vezes, até mais que seus donos: O boneco Fusaca, de João do Mamulengo, e já anteriormente nas mãos de seu Nenê, se tornou a própria expressão da brincadeira na sua região, as bonecas do mestre Biu de Dóia, ou melhor, as suas Quitérias, têm, por si próprias, um séquito de admiradores... É uma pena que os acervos e patrimônios materiais dessa manifestação estejam cada vez mais nas mãos de coleções estáticas, do que vivos, nas mãos de seus brincantes.

É comum também, na prática mamulengueira os mestres definirem seus bonecos como os de brincar, esses envoltos nos segredos da profissão e os 'de vender', porém cada vez mais comum é a prática de vender todo e qualquer boneco em que se veja a possibilidade de algum ganho, empobrecendo os repertórios e acervos dos grupos.

As principais peças dos principais mestres que já existiram não se encontram em poder de seus descendentes e discípulos, gerando rupturas quanto ao acervo (de valor inestimável)

Por outro lado, a prática de venda sistemática do 'boneco de mamulengo' e suas variantes, gera um contínuo aperfeiçoamento dos modos de produzir. Foi visando a produção em larga escala que mestre Saúba afinou a técnica de produção, seus fundamentos seguem em evolução com seus discípulos, Bibiu, que estabelece continuidade da técnica, porém, agregando suas inovações, como quanto ao uso de galhos e suas formas sugeridas (o que seria impensável pra Saúba) ou mesmo Tonho de Pombos e Wagner Porto, também influenciados pela técnica-Saúba, mas que conferem inovações do ponto de vista estético e conceitual às práticas consolidadas pelo mestre.

A cabeça do boneco, principal elemento de sua composição é o que determina a qualificação da peça. Bonecos de luva, bonecos de vara, bonecos de corpo inteiro, bonecos de engenhos e demais invenções possuem especificidades no seu fazer, que vão desde a ferramentaria até a qualidade da madeira escolhida.

Tecnicamente, o boneco destinado ao teatro precisa ser leve, o que se consegue com o uso adequado da madeira, e ainda com artifícios como tornar a peça oca, o que se faz serrando a peça ao meio, escavando-a como em duas 'cuias' e depois colando as partes novamente. Também é preciso que o boneco tenha boa estrutura, não se deformando ou quebrando sem que seja esse o objetivo.

Além da cabeça, do boneco de luva, em madeira, normalmente são confeccionadas, também, as mãos. Ou no caso de mestre Antônio do Pífano são aplicadas mãos recicladas de brinquedos de plástico, ou mesmo ficam os bonecos 'sem mãos, com os membros definidos somente pelo tecido, esses tipos de bonecos são menos comuns.

Bonecos de vara são comumente esculpidos com tronco e cabeça na mesma peça e os membros bem maleáveis graças ao tecido. Bonecos de corpo inteiro, manipulados pelas pernas são fartamente usados em tipos que emanem dureza e autoridade, policiais, coronéis, cangaceiros...

São ainda do repertório mamulengo os bonecos e bonecas de dança, em escala real, para dançar com pessoas, celebrizados como a boneca Lindalva do mestre Saúba, bonecas que tem como detalhe magnífico, o fundamento da mão que deve segurar o ombro de seu par.

10.2. PROCESSO DE TRABALHO E COMERCIALIZAÇÃO

ETAPA	ATIVIDADE
Durante o ano	A maioria dos mestres realiza a produção, confecção e comercialização por meio da realização de práticas cotidianas, intercaladas por diversos outros afazeres, remunerados ou não.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	--	--	--	--	F	--
---	----	----	----	----	----------	----

Durante o ano	Quando encomendado, o grupo pode confeccionar outros tipos de peças
---------------	---

10.3. PRINCIPAIS PARTICIPANTES	
	FUNÇÃO
Dono/mestre	Decide o que será feito, organiza e monitora o processo de elaboração das peças.
Costureiras	Em certos casos, quando o mestre ou artesão, não costura, são contratadas costureiras, para a próxima etapa (vide ficha)
Desenhistas	Alguns donos pagam pelo serviço de alguém que desenha os moldes
Machadeiro, ou 'moto-serrador	Por vezes o mestre contrata alguém para fazer os blocos de madeira

10.4. CAPITAL E INSTALAÇÕES	
DESCRIÇÃO	Não se aplica
QUEM PROVÊ	Não se aplica
FUNÇÃO	Não se aplica

10.5. MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO	
DESCRIÇÃO	Madeira mulungu
QUEM PROVÊ	O Mamulengo
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Matéria prima principal para a confecção das figuras descritas aqui.
DISPONIBILIDADE	A Eritrina velutina vem tornando-se rara, seu plantio não está sendo renovado e as áreas disponíveis estão cada vez menores

10.6. COMIDAS E BEBIDAS	
DESCRIÇÃO	Em sua maioria a prática de confraternizar em torno do alimento em momentos de 'produção..
QUEM PROVÊ	Os participantes da rede criativa do mamulengo, família, vizinhos, aprendizes
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Constitui um costume da brincadeira.

10.7. OBJETOS E INSTRUMENTOS RITUAIS OU CÊNICOS.	
DESCRIÇÃO	A agulha do mamulengueiro
QUEM PROVÊ	Cada mestre, que possui sua agulha, ou várias dela, na qual deposita confiança. Alguns mestres fabricam e disponibilizam a ferramenta, como Vitalino, experimentado ferreiro.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Elemento de distinção entre os grandes mestres, a capacidade de manejo dos tecidos fala sobre as qualidades do artista.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	--	--	--	--	F	--
---	----	----	----	----	----------	----

DESCRIÇÃO	Os moldes
QUEM PROVÊ	O mestre, especificamente o mestre Saúba que fez uso desse artifício, redimensionando a prática bonequeira.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Otimizar a produção as figuras que permeiam o imaginário do brinquedo.
DESCRIÇÃO	A máquina de costura
QUEM PROVÊ	O mestre

10.8. TRAJES E ADEREÇOS	
DESCRIÇÃO	Traje do protagonista principal, do Fusaca, ou do Simão, ou do Benedito ou Baltazar
QUEM PROVÊ	O mestre, faz se uso de tecidos especialmente destinados a esse fim.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Comumente faz uso da cor vermelha e denota a sagacidade do protagonista, denotando alto impacto visual, mesmo que a partir de simplificações.
DESCRIÇÃO	Traje do antagonista burguês, do Manuel de Apóli, Mané Pacarú, Manuelzinho. Faz uso de tecidos de boa procedência e em cores mais sóbrias;
QUEM PROVÊ	O mestre, podendo valer-se de 'pernas de calças sociais ou reaproveitamentos de paletós.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Denota o poder aquisitivo elevado e a estratificação social.
DESCRIÇÃO	Trajes femininos (oligarquias)
QUEM PROVÊ	O mestre, fazendo reuso de vestimentas obsoletas, vestidos femininos.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Imprimir 'status' e imponência as figuras femininas, muitas vezes de forma exagerada
DESCRIÇÃO	Trajes femininos (populares)
QUEM PROVÊ	O mestre fazendo uso de reaproveitamentos condicentes em sua família ou comunidade ou adquirindo 'fazendas' adequadas.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Retratar de maneira crível o modo de vestir da comunidade feminina local e ou estrangeira.
DESCRIÇÃO	Trajes de antagonistas 'populares, cachaceiros, valentões e malandros
QUEM PROVÊ	O mestre, fazendo uso de padrões diversos que conceituam os tipos caracterizados.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Criar retratos fidedignos dos padrões culturais da comunidade retratada.
DESCRIÇÃO	Trajes de folguedos, reisados, bois, maracatus, caboclinhos, etc....
QUEM PROVÊ	O mestre, investindo em tecidos, fitas e adereços adequados a composição fidedigna dos brinquedos.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	As comunidades retratadas nas farsas/ comunidades a quem se apresenta o mamulengo, comumente tem fortes vínculos com os brinquedos remontados, devendo os mesmos impor, em suas construções e apresentações a devida vênica.
DESCRIÇÃO	Trajes religiosos

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	--	--	--	--	F	--
---	----	----	----	----	----------	----

QUEM PROVÊ	O mestre, usando tecidos pretos, brancos ou marrons, comumente.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Identificar a figura de sacerdotes, padres, bispos e mais raramente, pastores.
DESCRIÇÃO	Vestido de noiva, festa de casamento
QUEM PROVÊ	O mestre, fazendo uso de tecidos condicentes com o ato festivo. Na brincadeira do mestre Nenê, que ensinou a João, era um dos pontos altos do mamulengo, tendo reservada, para os noivos, uma malinha especial, para que não 'sujasse' seus figurinos.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	As festas de casamento constituíam um dos principais elementos da festividade popular, sendo o motivo de folgas e pândegas muito apreciadas e celebradas, no brinquedo essa simulação remonta essa função social dando significados escatológicos e não menos festivos.
DESCRIÇÃO	Trajes de palhaços, figural de circo (pernas de pau, etc....)
QUEM PROVÊ	O mestre, fazendo uso de tecidos 'alegres'
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Caracterizar artistas circenses
DESCRIÇÃO	Trajes de policiais
QUEM PROVÊ	O mestre, fazendo uso de brins, mesclas, tecidos camuflados ou similares que imitem fardamentos militares.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Caracterizar regimentos. Por vezes essas figuras são esculpidas com roupas, ou seja, tem a vestimenta definida na própria madeira, não sendo usado tecidos, apenas cores e apliques de couro ou correias que simulam cinturões, cartucheiras e armas.
DESCRIÇÃO	Trajes de cangaceiros
QUEM PROVÊ	Idem ao anterior
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Idem ao anterior
DESCRIÇÃO	Trajes de encantados e malassombros
QUEM PROVÊ	O mestre, fazendo uso de tecidos de aspecto sombrio, capas de guarda chuvas ou outras invenções
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Compor tipos aterrorizantes e perturbadores.
DESCRIÇÃO	Trajes de cantadores, coquistas e demais artistas do povo
QUEM PROVÊ	O mestre, fazendo uso de tecidos 'alegres'
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Denotar caráter festivo as figuras.
DESCRIÇÃO	Vestidos de roda
QUEM PROVÊ	O mestre
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	As figuras femininas que dançam rodando seus vestidos constituem traço distintivo dos mamulengos, Quitérias, Leopoldas, Felomenas...
DESCRIÇÃO	Roupa do mestre
QUEM PROVÊ	O mestre

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	--	--	--	--	F	--
---	----	----	----	----	----------	----

FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Imprimir distinção a sua própria figura perante o brinquedo. Mestre Vitalino costuma ostentar belíssimos padrões florais em suas camisas, outros mestres fazem uso de camisas relacionadas a eventos importantes ligados a si próprios ou ao mamulengo em geral.
DESCRIÇÃO	Terno dos tocadores
QUEM PROVÊ	O mestre, ou todo o mamulengo, a fim de caracterizar sua equipe
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Ao vestir com padrão único ou similar todos os componentes do grupo, os tocadores, cria-se identidade e reforça-se o caráter coletivo e os laços do grupo.

10.9. DANÇAS	
DESCRIÇÃO	NÃO SE APLICA
QUEM EXECUTA	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.10. MÚSICAS E ORAÇÕES	
DESCRIÇÃO	Oração para reaver agulhas perdidas
QUEM PROVÊ	Mestre João detinha uma oração específica para encontrar agulhas que eventualmente se perdessem durante o trabalho de costura. Infelizmente não pôde ser registrada.
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	Encontrar com presteza agulhas, que com frequência 'somem' durante a labuta.

10.11. INSTRUMENTOS MÚSICAIS	
DESCRIÇÃO	Não se aplica
QUEM PROVÊ	
FUNÇÃO / SIGNIFICADO	

10.12. ATIVIDADES APÓS A EXECUÇÃO	
EXECUTANTE	ATIVIDADE
Mestres	

11. DESTINAÇÃO DO PRODUTO

PARA USO PRÓPRIO ☐ VENDE ☒ TROCA ☐ OUTRO ☒	ESPECIFICAR: POR VEZES, OS BONECOS SÃO FABRICADOS COM FINALIDADE DE VENDA PARA OUTROS MAMULENGOS OU ENQUANTO ARTESANATO, OU PARA TURISTAS'
--	---

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	--	--	--	--	F	--
---	----	----	----	----	---	----

PARTICIPAÇÃO NA RENDA FAMILIAR	SIM ☒ NÃO ☐ PRINCIPAL FONTE DE RENDA ☐ COMPLEMENTO ☒					
MODO DE COMERCIALIZAÇÃO	DIRETO ☒ INTERMEDIÁRIO ☒ COOPERATIVA / ASSOCIAÇÃO ☐					

12. PARTICIPAÇÃO EM COOPERATIVAS OU ASSOCIAÇÕES

Não se aplica.

13. BENS ASSOCIADOS

DENOMINAÇÃO	CÓDIGO

14. PLANTAS, MAPAS E CROQUIS

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

--

--

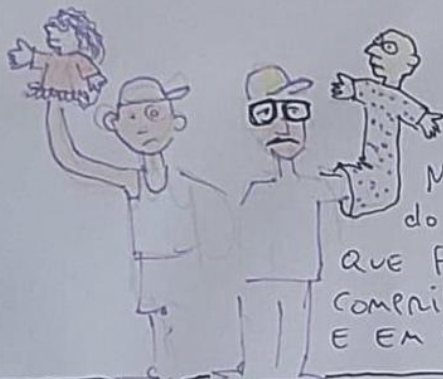
--

--

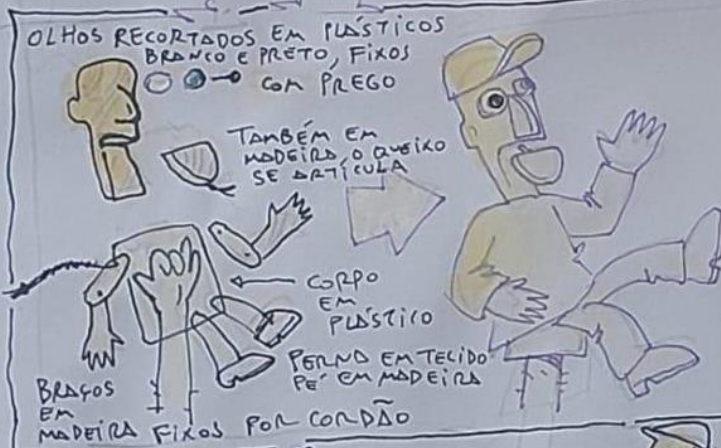
F

--

FIGURINO do MAMULENGO



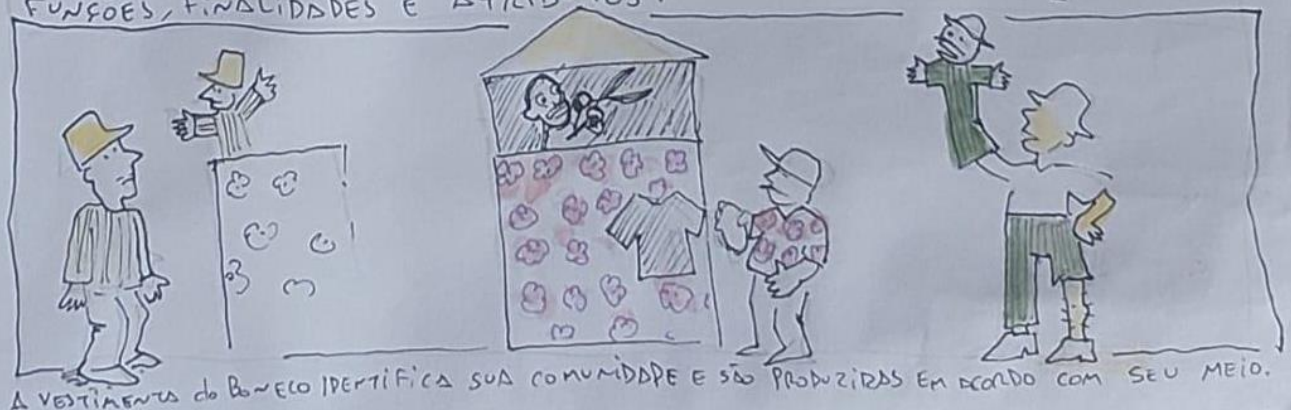
A ROUPA QUE COMPÕE O BONECO DESTINADO AO TEATRO TRADICIONAL VAI ALÉM DA PSEUDO ESTÉTICA FOLCLORIZADA, ELA PRECISA CUMPRIR FUNÇÕES TÉCNICAS ESPECÍFICAS. MESTRE BUI DE DÓIA ENSINA QUE, AO CONTRÁRIO DO QUE SE COSTUMA FAZER MOSE, AS LUVAS QUE FAZEM O CORPO DO BONECO PRECISAM SER COMPRIDAS, OCULTANDO BEM O BRAÇO DO MANIPULADOR E EM TECIDO LISO E ESCORREGADIO QUE FACILITE O VESTIR



OS BONECOS DE LUVA DESENVOLVIDOS POR JOÃO FUSCA REPRESENTAM UMA ENORME EVOLUÇÃO TÉCNICA E ESTÉTICA. AS FIGURAS 'DE BRIGA', CONTANDO COM OS RECURSOS DE TEREM PERNAS E BRASOS ARTICULADOS GANHAM UM REALISMO MÁGICO.



OS TRAÇOS DAS FIGURAS SÃO TÃO VARIADOS QUANTO SEUS TIPOS, FUNÇÕES, FINALIDADES E ATRIBUTOS.



A VESTIMENTA DO BONECO IDENTIFICA SUA COMUNIDADE E SÃO PRODUZIDAS EM ACORDO COM SEU MEIO.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

--

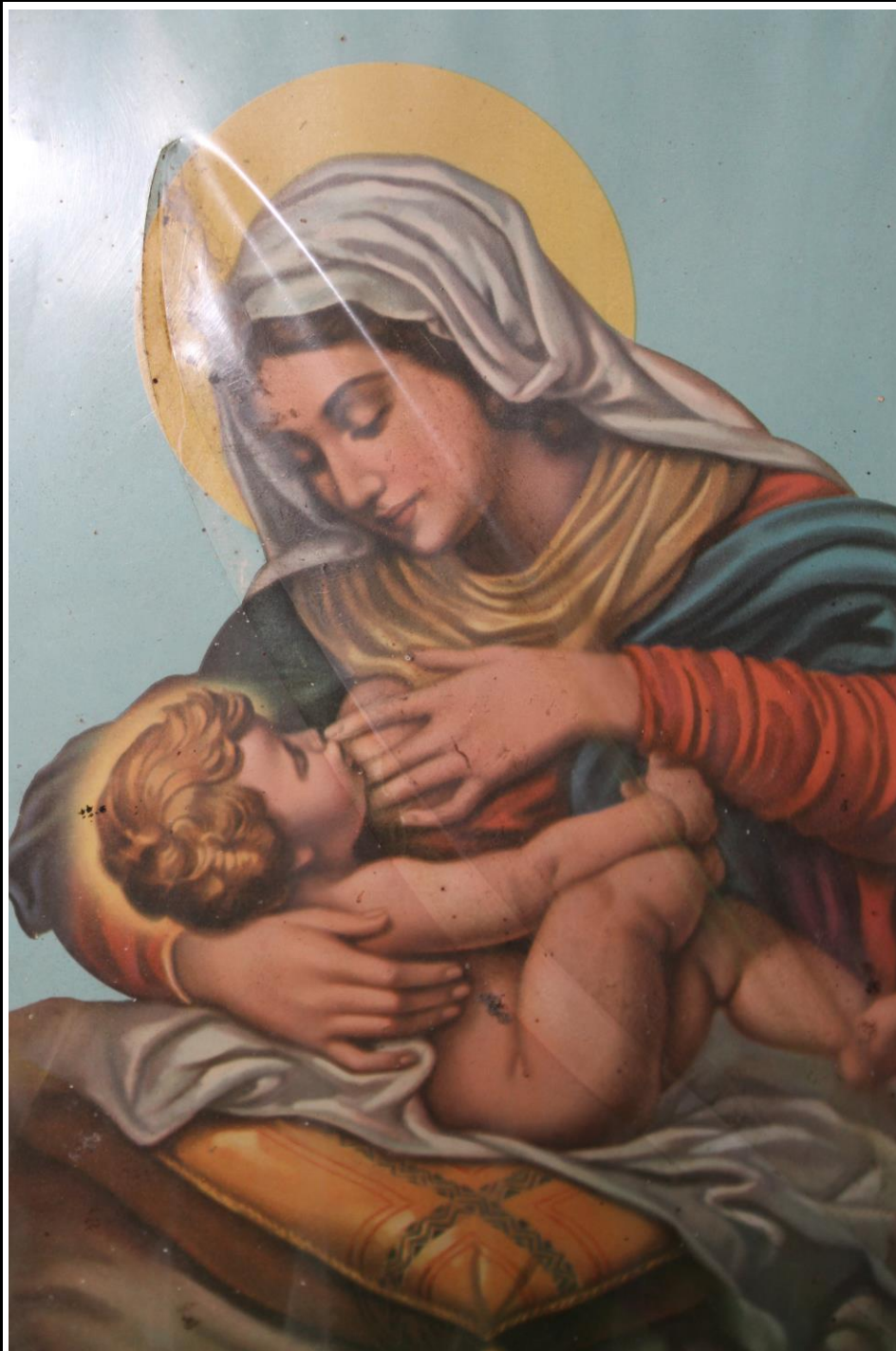
--

--

--

F

--

15. DOCUMENTOS INVENTARIADOS**15.1. DOCUMENTOS ESCRITOS, DESENHOS E IMPRESSOS EM GERAL**

Santo de parede na casa de mestre João.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

--

--

--

--

F

--

15.2. REGISTROS SONOROS E AUDIOVISUAIS

Vide audiovisual

15.3. REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Benedito . São João, 2015, foto por Wagner Porto.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

--

--

--

--

F

--



Trajes de diabos por metre Custódio, Bibiu dos Bonecos e João Fusaca



Trajes de palhaços por Tonho de Pombos, Solón e Vitalino de Nazaré

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

--

--

--

--

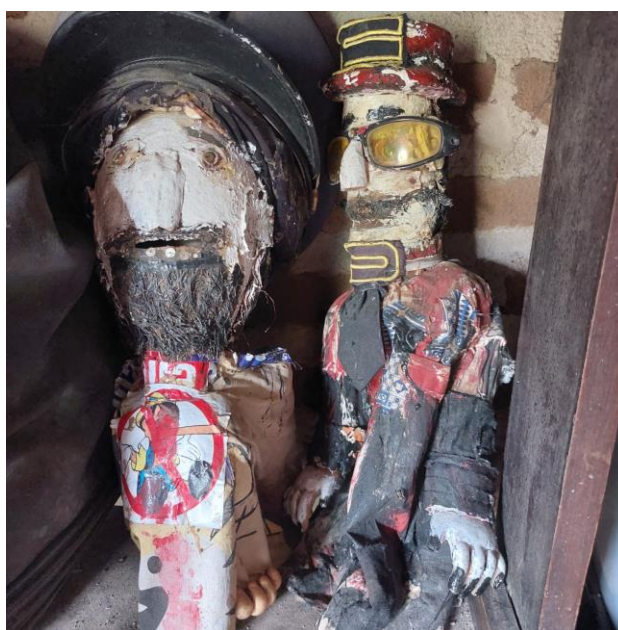
F

--

Fotos e acervo, 2023, por Wagner Porto.



Mestre Vitalino de Nazaré segura um boneco de corpo inteiro em sua oficina, loteamento Cinco Corações, Nazaré da Mata, 2023, por Wagner Porto



Bonecos de mestre Antônio do Pífano, em sua oficina, Lajedo, 2023, notar mãos reaproveitadas de bonecas de plástico, olhos feitos com recortes de revistas e lantejoulas, aplicação de materiais diversos. Foto de Wagner Porto.

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER

--

--

--

--

F

--

16. OBSERVAÇÕES**16.1. APROFUNDAMENTO DE ESTUDOS PARA COMPLEMENTAÇÃO DA IDENTIFICAÇÃO OU PARA FINS DE REGISTRO OU TOMBAMENTO**

Faz se urgente e necessário o acautelamento dos espaços de produção, dos saberes e formas de fazer dos mestres Vitalino, Antônio do Pífano, Biu de Dóia, enquanto últimos portadores ainda vivos de técnicas e estéticas centenárias, igualmente importante o reconhecimento dos espaços de criação e salvaguarda do mamulengo em Carpina, Nazaré da Mata e demais espaços destinados a memória do mamulengo.

16.2. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS MENCIONADOS NESTA FICHA**16.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES**

As formas de conceber as figuras do mamulengo são diversas, nos três principais recortes analisados, podemos notar a convergência quanto a escolha da matéria prima principal, o mulungu, porém com divergências quanto aos métodos empregados e quanto ao maior ou menor uso de elementos diversos, tecidos, fibras, 'reciclagens'. Fica evidente que o boneco de mamulengo, enquanto elementos fundamentais da brincadeira e que se apresentam como modos de fazer específicos deste universo apresentam muito mais caminhos a serem percorridos que definições e fórmulas, cabendo às políticas de salvaguarda o acompanhamento deste processo de produção.

17. IDENTIFICAÇÃO DA FICHA

QUESTIONÁRIOS ANALISADOS			
PESQUISADOR (ES)	SEVERINO ELIAS DA SILVA (MESTRE BIBIU DOS BONECOS), MESTRE VITALINO DE NAZARÉ E WAGNER PORTO		
SUPERVISOR	MARIA ALICE AMORIM		
REDATOR	WAGNER PORTO CRUZ	DATA 30/04/2023	
RESPONSÁVEL PELO INVENTÁRIO	WAGNER PORTO CRUZ		